

Biocentrismo, Falácias e Má Ciência

O biocentrismo quântico/solipsista do Dr. Robert Lanza (**Nota 1**) tem sido apresentado em vários sites e blogs de forma superficial, com suas idéias jogadas no colo do internauta sem nenhuma crítica. Felizmente também existem muitos endereços onde podemos encontrar boas análises apontando as inúmeras falácias e erros conceituais deste biocentrismo. O problema é que a grande maioria está em língua inglesa, o que pode dificultar as coisas para muitos dos nossos internautas.

Apresentação e Crítica

Apresentamos os sete princípios do biocentrismo do Dr. Lanza, seguidos de uma crítica. Um bom resumo do que é apresentado no livro "*O biocentrismo* :

Primeiro Princípio : *O que percebemos como realidade é um processo que envolve nossa consciência. Uma realidade "externa", se existisse, deveria – por definição – ter que existir no espaço. Mas isto é sem sentido, porque espaço e tempo não são realidades absolutas mas ao invés, ferramentas da mente humana e animal.*

Não há qualquer novidade aqui, sem dúvida a percepção da realidade envolve a consciência. Só que isso não implica necessariamente o idealismo extremado defendido pelo Dr. Lanza, chegando ao solipsismo. E afirmar com 100% de certeza algo que os filósofos vêm debatendo há séculos é ridículo. Não se pode provar que a chamada "realidade" externa é puramente uma criação de nossa mente, pode-se sim, acreditar nisto e apresentar argumentos a favor, os quais serão então prontamente rebatidos por outros pensadores. A Ciência parte da hipótese de que existe uma realidade externa (incluindo espaço e tempo) ao nosso ser, que pode ser estudada pelo método científico. Esta hipótese vem funcionando muito bem e dando excelentes resultados, por mais que os solipsistas discordem e esperneiem.

O núcleo central das idéias do Dr. Lanza é que a consciência cria o universo, o que muito se parece com o que já foi proposto pelo Dr. Deepack Chopra. Aliás, os dois produziram juntos um pequeno artigo publicado no Huffington Post. Mas quando começa esta criação ? No nascimento ? O bebê nasce e imediatamente cria os seus pais, o lugar onde nasceu e o resto do Universo ? Ou a criação do Universo é co-partilhada, isto é, cada nova pessoa que nasce vai fazer alterações em um Universo pré-existente ? E como surgiu a primeira consciência, se não havia lugar para ela existir ? Os argumentos do Dr. Lanza para apoiar o seu biocentrismo solipsista são fraquíssimos e foram demolidos em inúmeros artigos de crítica científica. Por exemplo, dizer que sua "teoria" explica muita coisa que

ainda é mistério para a Ciência, como a origem do universo, não prova coisa alguma, pois podemos inventar “teorias” à vontade. Mas se uma “teoria” não gera previsões testáveis (não é falseável) ela não pertence ao âmbito da Ciência. Na referência [7] o autor ironiza afirmando que ele pensa que uma gigantesca tartaruga cor de rosa sempre existiu e criou tudo. A GPT (Giant Pink Turtle) tem todos os atributos que sejam necessários para explicar a vida, o universo e tudo. O que HOJE ainda é um mistério para a Ciência não é necessariamente inexplicável por ela para todo o sempre.

“Aqui Lanza está cometendo uma clássica falácia lógica do pseudocientista – confundindo o atualmente inexplicado com inexplicável. Apenas porque não temos ainda completamente explicadas as origens do Universo, isto não significa que nossos paradigmas atuais de Física e Cosmologia não fornecerão eventualmente pelo menos uma explicação parcial.”

Vamos ver mais de perto a argumentação do Dr. Lanza ([da Referência 17](#)) :

”Tome a aparentemente inegável lógica de que sua cozinha está sempre presente, seu conteúdo assumindo todas as suas formas e cores familiares esteja você nela ou não. Mas considere : as formas e cores conhecidas como sua cozinha são vistas deste modo somente porque fótons de luz da lâmpada do teto refletem-se nos vários objetos e então interagem com seu cérebro através de um complexo conjunto de intermediários retiniais e neurais. Mas por si mesma, a luz não tem qualquer cor, nem qualquer brilho, nem quaisquer características visuais de modo algum. É meramente um fenômeno elétrico e magnético. Então enquanto você pode pensar que a cozinha como você lembra estava ‘lá’ na sua ausência, a realidade inquestionável é que nada remotamente semelhante com o que você pode imaginar poderia estar presente quando uma consciência não está interagindo.”

O Dr. Lanza faz uma breve descrição do nosso sistema visual e daí conclui que a cozinha que vimos não existe ! Que salto de imaginação ! É verdade que cores não existem, elas são criadas pelo cérebro para diferentes frequências de luz, mas isto não quer dizer que o objeto que refletiu aquela luz não existe. Se enxergássemos outras frequências, como o infravermelho, o ultravioleta e até os raios X, a cozinha pareceria completamente diferente, pois estaríamos enxergando outros aspectos da mesma realidade. Nossos sentidos não captam com 100% de exatidão TODA a realidade, mas daí a concluir que esta realidade não existe vai uma longa distância. O que precisamos ter em mente é que só percebemos uma pequena parte daquilo que vemos como uma cozinha.

Outro problema sério da argumentação do Dr. Lanza é que ele fala em fótons, reflexão da luz, circuitos neurais, ondas eletromagnéticas, que são coisas descobertas pela Ciência trabalhando com a premissa de que existe uma

realidade externa. O quadro que ele pinta é exatamente aquele apresentado pela Ciência. Mas se ele nega esta realidade, então não tem sentido usar estes elementos para construir seu raciocínio. Se a minha consciência cria a realidade, eu não preciso de luz para enxergar, nem de olhos; e posso ver todos os lados da mesa da cozinha ao mesmo tempo.

A linha de raciocínio do Dr. Lanza nada tem de nova, mas o problema é que o máximo que os solipsistas podem fazer é questionar a existência da cozinha se ninguém está lá, mas qualquer experimento que fizéssemos demonstraria o contrário. A questão do solipsismo é comentada em alguns dos links que fornecemos, às vezes com ironia. Vejamos : Da [Referência \[6\]](#) :

"Não sei se o que Lanza diz seja a declaração mais idiota que se possa lucubrar ou exista escândalo maior... essa idéia de que o mundo, o universo, só existe porque há uma consciência nele pensando serve para historinhas de ficção científica: nossa existência comum em nada é afetada pela fantasia. A cozinha, prezada dona-de-casa, vai estar lá como sempre esteve depois que a senhora voltar das compras: não se preocupe em pensar nela o tempo todo, temendo que a pobrezinha suma no 'multiverso'. Será que é por isso que pessoas desaparecem sem deixar vestígios: por que alguém deixou de nelas pensar? Isso lembra a história do doido que pegou dois marimbondos e guardou numa caixinha de fósforos, mas outro doido mais doido, na surdina, libertou os bichos. Quando o primeiro doido abriu a caixa e nada viu, refletiu: 'ué, como podem ter sumido? Só se um comeu o outro e o outro comeu o um...'. "

Na [Referência \[10\]](#) encontramos uma interessante colocação :

"Há somente alguma verdade parcial nas alegações do Dr. Lanza. A cor é uma verdade experiencial – isto é, é um fenômeno descritivo que fica fora da realidade objetiva. Nenhum físico negará isto. Entretanto, as propriedades físicas da luz que são responsáveis pela cor são características do universo natural. Portanto, a experiência sensorial da cor é subjetiva, mas as propriedades da luz responsáveis por aquela experiência sensorial são objetivamente verdadeiras. A mente não cria o fenômeno natural em si mesmo; ela cria uma experiência subjetiva ou uma representação do fenômeno."

Da [Referência \[11\]](#) :

"São estes fenômenos, então, 'criados' pela consciência ? Se afirmativo, como; e porque são 'criados' de um modo previsível ? O grande erro de Lanza, me parece, é dizer que uma combinação do efeito 'observador' (que não se aplica no nível macro) e o fato de que a realidade é filtrada através de neurônios surgidos através da evolução, juntos sugerem que a realidade não existe. Se não existe, é curioso que a realidade ilusória que criamos com a nossa

consciência – e Lanza inclui a ‘morte’ como uma ilusão – comporta-se certamente de maneiras que são previsíveis e é percebida identicamente por pessoas diferentes, mudando em direções esperadas mesmo se não há observador por perto.”

Da Referência [12] :

”Desde que o autor não tem experiência em ciência cognitiva, e dizer ‘física quântica’ sem fórmulas é tão útil como dizer ‘mágica’, isto é uma besteira (‘bullshit’ no original, mas optamos por uma tradução bem comportada) muito óbvia que não precisa de um monte de desconstrução.”

Da Referência [25] :

”Siguiendo con la imagen con que el autor abre el texto, imagino a cada uno de nosotros como luciérnagas (pirilampos), creando realidad en su entorno inmediato. El mundo sería entonces como un conjunto de esferas inconexas, esferas de realidad que se limitarían al campo perceptual de cada individuo. Nada dice el autor de cómo es que interactuamos unos con otros, ya que al crear nuestro mundo cada uno sería independiente del otro. ¿Cómo explica Lanza la coincidencia de nuestras experiencias, el tener un lenguaje común, el que cuando en mi espacio de realidad aparece un vaso, puedo compartir esa experiencia con otra persona? Aún más, puedo compartir la experiencia incluso usando una cámara de video para hacer que otro la vea. Lanza llega al extremo cuando afirma: “ Los árboles y la nieve se evaporan mientras dormimos. La cocina desaparece cuando estamos en el baño”. Al respecto, Lindley⁴ sugiere que podría probarse a describir una cocina en un escrito, luego irse a dormir y que otra persona visite la cocina (la cual ninguno de los dos había visto antes) y la describa con detalle. Es impensable que si creamos la realidad dichas descripciones coincidan; sin embargo, si se trata de dos sujetos “normales”, sus descripciones seguramente coincidirán en lo esencial.

É tola a argumentação solipsista do Dr. Lanza, mas talvez seja porque ele esperava escorá-la com outros argumentos calcados na Teoria Quântica. Mas, como veremos ao comentar o Terceiro Princípio, é aí que a coisa piora de vez.

Segundo Princípio : *Nossas percepções externa e interna são entrelaçadas inextricavelmente. Elas são diferentes lados da mesma moeda e não podem ser separadas uma da outra.*

Hoje em dia sabemos que o cérebro trabalha com uma “imagem” do corpo juntamente com uma “imagem” do mundo exterior ao nosso corpo, sendo que as duas “imagens” são atualizadas a todo momento. Se ocorre algum problema na construção destas “imagens” ou na interação entre elas, temos sérios problemas.

Por exemplo, um tipo de disfunção pode levar o cérebro a considerar uma parte do corpo (um braço, uma perna, um lado do corpo) como não pertencendo a ele, e neste caso, esta parte do corpo será colocada na “imagem” do mundo exterior. O resultado é que a pessoa se verá atrapalhada a todo momento por uma presença estranha a seu lado que teima em interferir em suas ações. Não entendemos se o Dr. Lanza se referiu a este modelo de cognição, pois a redação do segundo princípio é meio vaga. Por que são lados diferentes da mesma moeda ? Por que não podem ser separadas ? Pareceu-nos que ele apenas quis enfatizar que as percepções externa e interna são produtos da consciência.

Terceiro Princípio : *O comportamento das partículas subatômicas – de fato todas as partículas e objetos – está inextricavelmente ligado à presença de um observador. Sem a presença de um observador consciente, eles existem em um estado indeterminado de ondas de probabilidade.*

É nesta área que os gurus quânticos cometem as maiores atrocidades contra a Ciência. Vamos ver o que diz o Dr. Lanza ([Referência \[17\]](#)) :

”Inegavelmente é a criatura biológica que faz as observações e cria as teorias. Nosso inteiro sistema educacional em todas as disciplinas, a construção da nossa linguagem, gira em torno de um conjunto básico de idéias que assume um universo separado ‘lá fora’ no qual cada indivíduo chegou em uma base muito temporária. Em seguida é assumido que percebemos acuradamente esta realidade pré-existente e temos pequeno ou nenhum papel em seu aparecimento. Entretanto, começando nos anos 1920, os resultados de experimentos mostraram justamente o oposto. O observador influencia criticamente o resultado. Um elétron pode comportar-se como uma partícula ou uma onda, mas como e, mais importante, onde tal partícula estará localizada depende do próprio ato de observação. Isto é talvez mais marcante no famoso experimento das duas fendas, que foi realizado tantas vezes, com tantas variações, que está conclusivamente provado que se alguém ‘observa’ uma partícula subatômica ou uma parcela de luz passa através de fendas em uma barreira, ela se comporta como uma partícula e cria um padrão sólido (uma única faixa luminosa) de impactos além das fendas, sobre uma tela que mede os impactos. Como uma minúscula bala, ela passa logicamente por uma ou outra fenda. Mas se os cientistas não observam a trajetória da partícula, ela então exhibe o comportamento de ondas, o que permite que ela passe através de ambas as fendas ao mesmo tempo.”

Bom, para começar, não entendemos porque no primeiro parágrafo ele falou em “percebemos acuradamente”, uma vez que já é mais do que sabido que os nossos órgãos dos sentidos, o sistema neural e os sistemas de processamento de dados em nosso cérebro limitam seriamente o que podemos perceber do mundo natural.

O Dr. Lanza mencionou os anos 1920 referindo-se ao surgimento da Teoria Quântica. A breve descrição que ele faz do experimento das duas fendas é ruim, e recomendamos que o internauta dê uma olhada [aqui](#) e [aqui](#). Só se pode usar uma barreira com fendas no caso de um experimento com luz (fótons); no caso de outras partículas, como elétrons, é necessário usar uma rede cristalina, isto devido ao problema dos comprimentos de onda. Mas o que nos interessa no momento é a questão do observador. Usando uma fonte luminosa comum ou um dispositivo mais elaborado que produz fótons individuais, é obtido do mesmo jeito um padrão de interferência característico de uma onda, deste modo não é possível dizer por qual fenda cada fóton passou. Neste caso sabemos apenas que fótons deixam o dispositivo emissor e atingem a tela registradora, os fótons se comportam como ondas e sua localização durante o percurso é ignorada. Se colocarmos detectores nas fendas para determinar quantos fótons passam por elas, o padrão de interferência desaparece e obtemos uma área de impactos na tela registradora em frente de cada fenda, isto é, os fótons se comportam agora como partículas.

Não cabe discutir aqui PORQUE isto acontece, seria mergulhar na Teoria Quântica, o que está fora da nossa especialidade e foge ao objetivo do texto. O importante é entender que, ao acrescentar detectores, eliminamos a incerteza do percurso entre o emissor e a tela, e o resultado muda também. Mas isto NADA TEM A VER COM A PRESENÇA DE UM OBSERVADOR CONSCIENTE; se ninguém estiver observando os experimentos, a tela registrará os mesmos resultados. Não é preciso que o pesquisador fique sentado no laboratório o tempo todo observando a tela. O que importa são as INTERAÇÕES das partículas com alguma coisa: uma tela registradora, um detector, ou mesmo outra partícula. Isto traz a partícula da sua condição de múltiplos estados quânticos possíveis para o nosso mundo macro. Uma maneira de interpretar este fenômeno é dizer que a função de onda da partícula “colapsou” para o estado em que ela surge em nosso mundo.

Outro ponto importante que os gurus quânticos preferem ignorar, é que o “comportamento quântico” só se aplica na escala dos átomos e partículas elementares, jamais ao nosso mundo macro. Uma pessoa não pode passar por duas portas ao mesmo tempo.

Na [Referência \[7\]](#) temos uma boa análise dos erros do Dr.Lanza :

”O núcleo do argumento de Lanza repousa em um equívoco de mecânica quântica. Este é o maior desapontamento de um argumento geralmente desapontador, porque há muito foi demolido pelos físicos. Lanza argumenta que nada existe sem um observador, e surpreendentemente cita os experimentos das duas fendas como suporte.

Ele está cometendo dois erros chave aqui. O primeiro é a confusão entre 'observador' e 'consciência' (de fato sua premissa inteira repousa sobre esta falácia). Ele afirma que quando o físico está olhando, a luz passará através das duas fendas como partículas, formando duas manchas luminosas do outro lado. Se o físico não está olhando, entretanto, a luz passará como uma onda e formará um padrão de interferência. Isto é errado. Os resultados do experimento não dependem em nada da presença de um observador ou uma consciência. O que importa é se há ou não um detector em cada fenda, registrando a presença do fóton conforme ele passa pela fenda. Em outras palavras, se o fóton tem que interagir com qualquer partícula de matéria, então a onda de probabilidade deve colapsar e ele se comporta como uma partícula. Se o fóton não é detectado, entretanto, então ele continua a viajar como uma onda até que ele atinja o filme ou detector de fótons do outro lado da fenda, e neste ponto a função de onda colapsa. A única coisa que importa é se os fótons são ou não detectados ou interagem de algum modo antes ou depois de passar pelas fendas. Isto não tem absolutamente nada a ver com consciência ou um observador. Este é o equívoco comum dos gurus quânticos. O segundo erro de Lanza é extrapolar dos experimentos quânticos, nos quais as condições são muito cuidadosamente controladas, para condições macroscópicas. Ele apresenta a analogia com a sua cozinha, como se a sua cozinha não estivesse realmente lá, a menos que você estivesse lá para observá-la. Nada no mecanismo quântico justifica tal extrapolação macroscópica. Partículas interagindo entre si colapsam todas as formas de onda e uma vez que você chegue a alguma coisa como uma cozinha, toda a estranheza quântica desaparece e essencialmente a física clássica predomina (pode haver alguns efeitos realmente sutis perto dos limites, mas a cozinha certamente não desaparece). Lanza tem um entendimento equivocado fundamental de mecânica quântica e dos detalhes e implicações de experimentos como o das duas fendas. Só isso por si destrói sua inteira noção de biocentrismo.”

Quarto Princípio : *Sem consciência, a “matéria” permanece em um estado indeterminado de probabilidade. Qualquer universo que possa ter precedido a consciência somente existiu em um estado de probabilidade.*

Este quarto princípio é apenas uma decorrência do terceiro, que vimos ser furado. Não merece maiores comentários.

Quinto Princípio : *A estrutura do Universo é explicável somente através do biocentrismo. O universo é finamente ajustado para a vida, o que faz perfeito sentido já que a vida cria o universo, e não do outro modo. O “universo” é simplesmente a completa lógica espaço-temporal do eu.*

Caramba, só o biocentrismo explica o Universo tal como ele é ? Porque não aceitar a idéia de que Deus criou um Universo perfeitamente adequado para servir de morada dos seres humanos ? Nenhuma das duas hipóteses é testável, portanto a opção entre elas é uma questão de gosto. O Dr. Lanza está apenas usando o velho argumento do Princípio Antrópico Forte, que é o mesmo usado por criacionistas e adeptos do Projeto Inteligente. O Princípio Antrópico Fraco afirma : “Somente em um universo capaz de suportar a vida, há seres vivos capazes de observação e reflexão sobre tal ajuste fino, enquanto um universo menos compatível com a vida permanecerá não observado.” Seres vivos são vistos como uma consequência possível em um universo favorável à vida, o que parece óbvio. Mas o final da proposição deixa margem a dúvidas; se um universo permanece não observado, não se poderá nunca ter certeza de sua existência, isto é, este tipo de universo pode nem mesmo existir. Além de existir, ele deveria ser observável a partir do nosso próprio universo, mas aí já estaríamos entrando na hipótese dos muitos universos. Entendemos que o Princípio Antrópico Fraco não tenta explicar a existência do universo. O Princípio Antrópico Forte acrescenta uma finalidade ao universo: “O universo é finamente ajustado com o objetivo de que eventualmente vida inteligente e autoconsciente apareça”. Aqui houve uma inversão : uma consequência possível tornou-se a causa primeira. Na Referência [14] :

”Também, isto leva ao fato de que a vida é finamente ajustada ao universo, não ao contrário. O tipo de vida que pode existir neste universo é o tipo que surgiu. Isto é similar a se maravilhar em como é uma coincidência o clima da Terra ser tão bem ajustado à vida humana. A Terra nos fornece água, luz do Sol, e alimento, e em muitos lugares da Terra (a zona temperada) durante a maior parte do ano podemos passear bem confortavelmente com um mínimo de roupas. Mas, é claro, evoluímos para nos adaptarmos ao ambiente, o ambiente não foi feito para nós. O Sol não fornece luz que acontece estar exatamente no espectro que nossos olhos podem detectar – nossos olhos evoluíram para detectar o espectro de luz que aconteceu ser o emitido pelo nosso Sol. Deste modo, Chopra e Lanza inverteram os fatos.”

Mas acontece que SÓ CONHECEMOS DE FATO um universo, o nosso, e ele possui vida inteligente, o resto é especulação. Desejamos que este imenso e complexo universo tenha um objetivo, assim como a nossa própria existência, e daí surge o universo formado para a vida. Não que isto seja impossível, é claro, mas por enquanto este tipo de afirmação não pertence ao campo da Ciência. Não sabemos como surgiram as leis e constantes físicas que controlam toda a formação e funcionamento do nosso universo, portanto não se justifica muito estranhar que elas sejam tão compatíveis com a vida. Talvez elas só pudessem mesmo ser deste modo, por que não? A hipótese dos muitos universos serve muito bem para explicar este ajuste fino, pois com tantos universos à disposição, não seria de se espantar que um deles fosse “amigável” como o nosso. Mas esta

hipótese pertence ao campo da Física Teórica, e por enquanto não há como testá-la.

Na Referência [17] o Dr. Lanza afirma :

"No momento, só há quatro explicações para este mistério. Uma é afirmar uma incrível coincidência. Outra é dizer, 'Deus fez isto', que não explica nada mesmo que seja verdadeira. A terceira é invocar o princípio antrópico raciocinando que devemos encontrar estas condições se estamos vivos, porque, o que outra coisa podemos encontrar ? A opção final é o biocentrismo puro e simples, que explica como o universo é criado pela vida. Obviamente, um universo que não permitisse a vida não poderia possivelmente existir; o universo e seus parâmetros simplesmente refletem a lógica espaço-temporal da existência animal."

O Dr. Lanza não reconhece que o seu biocentrismo é apenas uma forma de Princípio Antrópico Forte; não importa se o "criador" do universo-lar é Deus, a tartaruga gigante cor de rosa (GPT) ou a consciência, a idéia é a mesma. E ele não explica COMO o universo é criado, apenas AFIRMA que é criado pela consciência (ou vida). Curiosamente, ele evitou mencionar aqui a hipótese dos muitos universos, que é bem aceitável para muitas pessoas. No entanto ele a utiliza quando dela necessita para a "reencarnação" da consciência.

Da Referência [8] :

"Isto está essencialmente correto, o universo tem todas as leis físicas necessárias, e algumas vezes dentro de uma estreita faixa de tolerância, para suportar formas estáveis complexas tal como a vida. Mas não temos idéia porque isto acontece. Lanza está tentando construir o argumento das lacunas de que nosso conhecimento atual do universo não funciona, portanto devemos ouvir o seu tolo biocentrismo. Como disse na Parte I, ele está confundindo o fato de que nosso conhecimento científico atual é incompleto, com a idéia de que é fundamentalmente falho e precisa ser jogado fora. É a mesma linha de argumentação usada por negadores da ciência, como os criacionistas.

Admito que o princípio antrópico apresenta um quebra-cabeça desconcertante. Isto não significa que o universo teve que ser criado, ou por um deus ou por nossa própria consciência. Significa simplesmente que temos mais ciência para fazer.

Há respostas sugeridas para o quebra-cabeças antrópico. Uma possibilidade é que as leis do universo não são randômicas. Há alguma lei mais profunda que limita o que devem ser as constantes físicas do universo.

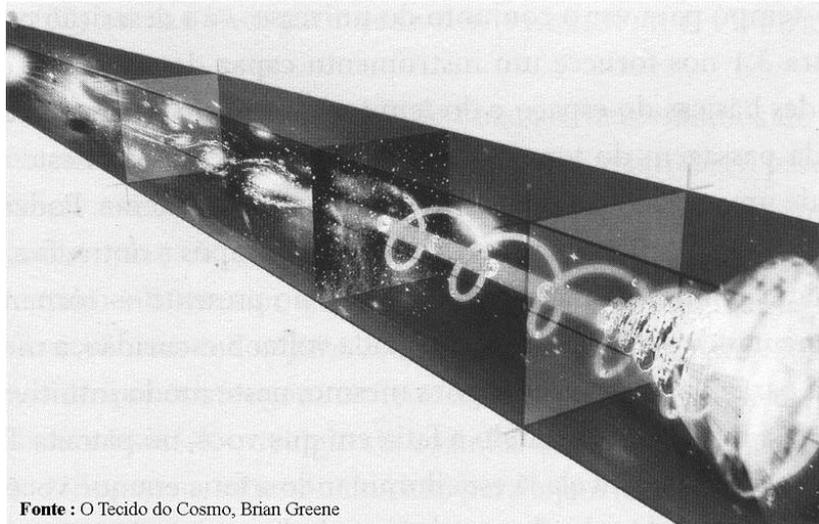
Uma outra possibilidade é que há muitos arranjos das constantes físicas que permitiriam a um ser consciente evoluir e questionar a origem destas constantes físicas. E é claro que onde quer que seres evoluam, as leis do universo serão compatíveis com eles, por definição. Esta é a forma 'fraca' do princípio antrópico.

Ainda outra possibilidade é que há muitos universos, talvez mesmo infinitos, e em cada um as leis físicas são diferentes. Somente naqueles universos compatíveis com a evolução da consciência haverá seres capazes de formular questões sobre as leis do seu universo.

Podem haver outras possíveis respostas também. O fato de atualmente não sabermos não é surpreendente (dado o estado atual do nosso conhecimento) nem indicativo de qualquer problema fundamental com o nosso entendimento da realidade. Nós precisamos simplesmente continuar cavando mais fundo.”

Sexto Princípio : *O tempo não tem existência real fora do senso animal de percepção. É o processo pelo qual percebemos mudanças no universo.*

Para a Ciência, o tempo é uma das quatro dimensões do continuum espaço-temporal, ou Universo, em que vivemos, mas porque a dimensão tempo é diferente das três dimensões espaciais ainda é um mistério. Nossa memória permite que percebamos uma sucessão de eventos; o presente se transforma sem cessar no passado. É como se os eventos fluíssem ao longo de alguma “coisa” que passamos a entender como “tempo”. Como tudo o mais que pertence ao “mundo exterior”, sua percepção depende do nosso processo cognitivo. Como seria o tempo para uma criatura com uma memória que abrange somente um curtíssimo lapso do passado imediato? Acontece que saber que o conceito de tempo encerra muita subjetividade não prova que o tempo não tem existência real, há uma enorme distância entre uma coisa e outra. Dizer que “é o processo pelo qual percebemos mudanças no universo” não esclarece muita coisa; como um estado diferente do atual se torna o presente? Existe algum intervalo que não percebemos entre dois presentes sucessivos? Passado, presente e futuro formam um continuum ? A nossa consciência viaja ao longo deste continuum, de modo que os eventos futuros pré-existentes vão se tornando os sucessivos presentes ? Há complicações adicionais, pois segundo a Teoria da Relatividade, sequer existe um “presente absoluto” já que o tempo é relativo e depende do referencial, isto é chamado "relatividade da simultaneidade".



Fonte : O Tecido do Cosmo, Brian Greene

FIGURA 1 – Tentativa de representar todo o Universo em suas quatro dimensões desde o seu nascimento. Cada um dos planos que corta perpendicularmente o modelo tridimensional representa todo o Universo, com suas três dimensões de espaço, em um dado instante em um dado referencial. O tempo, que é a quarta dimensão, fica representado pelo comprimento da figura. Notar que é impossível para nós observar o Universo sob este aspecto, porque para isso teríamos que sair dele.

Do ponto de vista da física moderna, isto é, da Teoria da Relatividade, não tem sentido pensar em espaço separado de tempo, o que existe é o chamado continuum espaço-tempo. Como o “presente” que uma pessoa percebe é sempre o do seu próprio referencial, passado e futuro tornam-se relativos; o que é o passado em um referencial será o presente ou futuro em outro. Dentro desta visão relativística, a PASSAGEM do tempo é que é ilusória, uma criação do nosso cérebro, não o tempo em si. A Figura 1 tenta na verdade representar todo o conjunto do espaço-tempo com suas quatro dimensões, todos os eventos passados e futuros estão contidos no modelo. Passado, presente e futuro formam esta realidade, onde nós acrescentamos um fluxo que é ilusório. O Dr. Lanza já começou mal o seu raciocínio, ao pensar ainda em termos newtonianos, com o espaço separado do tempo. Reconhecemos que a visão relativística do Universo e suas conseqüências são difíceis para o senso comum, mas esta visão é plenamente aceita no meio científico.

Hermann Minkowski (1864-1909), matemático alemão, foi o criador do conceito de espaço-tempo. Em 1907 ele mostrou que a Teoria da Relatividade Restrita de Einstein (1905) poderia ser entendida geometricamente como uma teoria de um espaço-tempo de quatro dimensões, que ficou conhecido como o “espaço-tempo de Minkowski”. É dele a frase: “Espaço, em si, e tempo, em si, tornam-se meras sombras, e apenas a união deles sobrevive”.

O Dr. Lanza argumenta na Referência [21] :

”Considere um filme de um torneio de arco e flecha. Um arqueiro dispara uma flecha e a câmera segue sua trajetória. Subitamente o projetor para em um único quadro – você fita a imagem de uma flecha no meio do vôo. A pausa permite que você conheça a posição da flecha com grande precisão, mas ela não está indo para lugar nenhum; sua velocidade não é mais conhecida. Esta é a confusão descrita no Princípio da Incerteza : exatidão em um parâmetro provoca indefinição no outro. Tudo isto faz perfeito sentido de uma perspectiva biocêntrica. Tudo o que percebemos está sendo ativamente reconstruído dentro de nossas cabeças. O tempo é simplesmente a soma dos ‘frames’ acontecendo dentro da mente. Mas mudança não quer dizer que existe uma matriz invisível real chamada ‘tempo’ na qual mudanças ocorrem. Isto é apenas a nossa maneira de perceber as coisas.”

É verdadeiramente espantoso que, em pleno século XXI, o Dr. Lanza venha a utilizar abordagem similar à de um antigo filósofo grego para refutar a Ciência.

Zenão de Eleia viveu no século V a.C. e se ocupou com o problema do movimento. Ele afirmava que o movimento era impossível, tratando-se de uma ilusão criada pelo modo como percebemos a Natureza. Seus paradoxos, como os da impossibilidade do movimento, do arqueiro e o da disputa entre Aquiles e a tartaruga, são bem conhecidos até hoje. No paradoxo do arqueiro ele afirmava : “A veloz seta disparada pelo arqueiro está parada, pois a cada momento está no seu lugar”. No paradoxo de Aquiles, ele afirmava que, se à tartaruga fosse dada uma vantagem, mesmo muito pequena, ela ganharia a corrida; Aquiles jamais poderia alcançá-la e passar a frente. Sua argumentação é muitíssimo engenhosa, e os paradoxos foram imbatíveis durante séculos. Todos sabiam que flechas não ficavam paradas no ar e eram muito perigosas, e que Aquiles venceria facilmente, mas provar que o raciocínio de Zenão é incorreto não era possível. O âmago da argumentação de Zenão em alguns de seus paradoxos estava na soma de uma infinidade de parcelas, e em sua época pensava-se que esta soma só poderia resultar em uma quantidade infinita. Mas, com o avanço da Matemática, ficou demonstrado que a soma de uma infinidade de parcelas pode ter resultado finito (envolve o conceito de limite), o que derruba os paradoxos. Do mesmo modo, com a Relatividade, sabemos que todo objeto está parado em seu próprio referencial, e é o Universo que se move à volta dele. A flecha está parada em seu referencial, mas o movimento do resto do Universo é real, e acontece no espaço-tempo. Não há sentido em tentar regredir a argumentos como os de Zenão, que já foram ultrapassados pela Ciência. Talvez o Dr. Lanza queira que abandonemos o método científico e voltemos aos velhos tempos da Filosofia Natural. Em vez de negar o movimento, o Dr. Lanza nega o tempo. E nem sequer se preocupa em elaborar uma argumentação sofisticada como a de Zenão,

simplesmente diz que é assim, e pronto. A Física moderna é muito difícil? Ora, basta afirmar que ela está errada e que nossa consciência criou tudo do jeito que é.

Sétimo Princípio : *O espaço, como o tempo, não é um objeto ou uma coisa. Espaço é uma outra forma do nosso entendimento animal e não tem uma realidade independente. Carregamos espaço e tempo em torno de nós como tartarugas em suas cascas. Então, não existe uma matriz absoluta auto-existente na qual eventos físicos ocorrem independentes da vida.*

O Dr. Lanza afirma que espaço e tempo são criações da nossa consciência. A abordagem do Dr. Lanza para o espaço e tempo é inteiramente ultrapassada em termos de Física, e ele não chega a apresentar qualquer argumento sólido para sustentar este Sétimo Princípio. Só podemos considerar esta proposição como sendo a sua simples opinião, nada mais, nada menos.

Mas, e a Consciência Afinal ?

É interessante como o Dr. Lanza coloca a consciência no centro do seu biocentrismo, mas não se preocupa em explicar o que isso vem a ser. Pode até ser uma jogada muito esperta, pois além de ser uma empreitada difícilíssima, cada pessoa que ler os seus textos irá preencher esta lacuna com o seu próprio conceito de consciência, e poderá achar viáveis as idéias do Dr. Lanza.

Na Referência [10] lemos :

"Uma crítica do biocentrismo vem do filósofo Daniel Dennet, que diz 'Parece um oposto de uma teoria, porque ele não explica nada como a consciência acontece. Ele está parando onde a diversão começa'.

A lógica por trás desta crítica é óbvia. Sem uma explicação descritiva para a consciência e como ela 'cria' o universo, o biocentrismo é inútil. Em essência, Lanza clama pelo abandono da moderna teoria física e sua substituição por uma solução mágica. Aqui estão umas poucas questões que alguém pode fazer sobre esta idéia:

1. O que é a consciência ?
2. Por que a consciência existe ?
3. Qual é a natureza da interação entre esta consciência e o universo ?
4. O problema da regressão infinita é aplicável à própria consciência ?
5. Mesmo se a interpretação do Dr. Lanza sobre o princípio antrópico é um

argumento válido contra a moderna teoria física, o modelo biocêntrico da consciência não cria um problema ontológico maior do que aquele que se propõe a resolver ?

Considere esta declaração de Lanza:

‘A consciência não pode existir sem uma criatura viva, biológica, para encarnar seus poderes perceptivos de criação.’ Como pode a consciência criar o universo se ela não existe ? Como pode existir a ‘criatura viva, biológica’ se o universo não foi criado ainda ? Torna-se perceptível que Lanza está confundindo o significado da palavra ‘consciência’. Em um momento ele a define como experiência subjetiva que está ligada a um cérebro físico. Em outro, ele atribui à consciência uma lógica espaço-temporal que existe fora da manifestação física. Neste caso, as questões acima tornam-se : 1. O que é esta lógica espaço-temporal ?; 2. Por que esta lógica espaço-temporal existe ? e assim por diante...’

Vida Após a Morte e Reencarnação?

O Dr. Lanza afirma que a consciência não pode morrer, sendo a “morte” uma ilusão a que nos submetemos. Depois da “morte”, ou abandono do corpo físico, a consciência poderia até migrar para um outro universo, e lá viver uma nova existência em outro corpo físico. Tal coisa declarada por um acadêmico mereceu grande divulgação, inclusive em blogs e sites espiritualistas, que por vezes exageraram com títulos do tipo “Cientistas Comprovam a Reencarnação Humana” ([Referência \[18\]](#)). Como o Dr. Lanza não definiu o que vem a ser “consciência”, ele pode afirmar qualquer coisa, inclusive que ela é imortal, isso nada acrescenta em termos de credibilidade. Do mesmo modo ela poderia saltitar à vontade entre infinitos universos (se eles existirem), por que não? Mas como é a consciência que cria a realidade, ela deveria saltar para um universo POTENCIAL e não um já existente fisicamente, pois aí estaria invadindo o território de outra consciência. E o universo que ela abandonou deixaria imediatamente de existir. Vai ficando complicado quando tentamos descer aos detalhes de como a coisa funciona.

Observem que existe aí um conflito conceitual com a hipótese dos muitos universos da Ciência. Nesta hipótese todos os universos existem “simultaneamente”, embora não possa haver comunicação entre eles. Se alguém quiser acrescentar universos em estado de indefinição quântica que podem ser trazidos à existência por uma consciência invasora, é por sua conta. Entendemos que muitos místicos e espiritualistas receberam favoravelmente o biocentrismo do Dr. Lanza simplesmente porque ele se alinha, pelo menos parcialmente, com as suas próprias idéias. É parecido com o que ocorreu tempos atrás com a boa acolhida das proposições do [charlatão Masaru Emoto sobre a influência da mente sobre a água](#).

ad Hominem

Encontramos também material questionando as próprias motivações do Dr. Lanza. Não colocamos o material nesta página, pois nosso objetivo era apenas fazer uma crítica ao seu biocentrismo, mas quem estiver interessado pode consultar as Referências [16] e [24].

Conclusão

É de se notar a enorme carga de arrogância e antropocentrismo contidos nas idéias do Dr. Lanza. Não bastava a antiga idéia de que Deus criou todo este imenso Universo, com seus bilhões de galáxias, apenas para nosso uso; agora NÓS é que criamos tudo ! Em vez de “Biocentrismo”, sua "teoria" deveria ser chamada de “Teoria do Ego Divino”, “Teoria do Ego Inflado”, ou algo parecido.

Encontramos a mesma impressão na Referência [13] :

”O que realmente me irrita sobre este biocentrismo da moda é a absoluta arrogância mostrada por seus promotores e seu foco em si mesmos como o centro do universo. Você pode imaginar um cosmos estendendo-se por centenas de milhões de anos luz e abrigo incontáveis estrelas agrupadas em aparentemente inumeráveis galáxias obedecendo seus caprichos porque algum doutor que começou a gastar um montão de tempo com seu próprio umbigo leu em algum lugar que partículas quânticas podem se comportar tanto como partículas quanto como ondas, e este duplo comportamento torna impossível saber sua exata localização e seu exato momento ao mesmo tempo ?”

A impressão que nos ficou do biocentrismo do Dr. Lanza foi bem ruim; parece mais uma salada de velhas idéias como o solipsismo, junto com especulações fundamentadas em um péssimo entendimento da Física. Não achamos que deva ser levado mais a sério do que os “gurus quânticos” anteriores, como os Drs. Deepack Chopra e Amit Goswami. Como escreveu Steven Novella : “O que eles fazem é a perfeita essência da pseudociência – usando a forma superficial da Ciência para promover idéias místicas, mas abandonando o verdadeiro processo da Ciência”[14], ou “No final, o biocentrismo de Lanza é uma risível bagunça de confusão, lógica pobre, interpretação errônea da mecânica quântica e cosmologia, e egocentrismo desenfreado” [09].

Nota 1 do Site : Não confundir com o “biocentrismo” no sentido de um sistema ético que afirma o valor inerente de todos os seres vivos. Os adeptos deste biocentrismo defendem a preservação da biodiversidade, direitos dos animais e proteção ambiental.

Nota 2 do Site : Se você lê inglês, sugerimos fortemente que dê uma boa olhada nas referências, pois há uma grande quantidade de material interessante que não traduzimos e inserimos nesta página. Nos comentários após alguns dos artigos também há muita coisa boa.